

DISTALIDADE, DÊIXIS E FORICIDADE PRESENTES EM “TAL”

Distality, deixis and foricity present in “tal”

Lovania Roehrig Teixeira

lovaniateixeira@utfpr.edu.br

RESUMO: Este artigo investiga a semântica do item “tal”, buscando elencar as diferentes leituras do termo no português brasileiro, focando no uso dêitico que o aproxima da semântica dos demonstrativos tradicionais como “esse” e “aquele”. Realizado esse levantamento, são utilizadas concepções da Semântica de Situações e a abordagem de Wolter (2006), proposta para os demonstrativos do inglês, para compreender as particularidades do termo quando este desempenha o papel de dêitico. A dêixis aqui é entendida como um fenômeno que pode ser linguístico, com leituras anafóricas ou catafóricas, em que um item faz referência a uma entidade do contexto linguístico; ou um fenômeno extralinguístico quando o termo faz referência a uma entidade do contexto de proferimento, tais como: local, tempo, falante, ouvinte etc. Para “tal”, foram descritas cinco leituras, sendo uma delas classificada como resultante de dêixis linguística. A partir da formalização da Semântica de Situações e a proposta de Wolter (2006) para os demonstrativos, sugerimos que “tal” não possui uma pressuposição de distalidade, como a presente no demonstrativo “aquele(a)”, e ainda que sua avaliação se dá numa subsituação da situação do proferimento, assim como ocorre também para os demonstrativos tradicionais. Além disso, “tal” não é um dêitico extralinguístico, fazendo, exclusivamente, referência a entidades linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica; tal; demonstrativo; dêixis.

ABSTRACT: This paper investigates the semantics of the item “tal”, seeking to list the different readings of the term in Brazilian Portuguese, focusing on the deictic use that brings it closer to the semantics of traditional demonstratives. After this survey, concepts from Situational Semantics and Wolter’s (2006) approach, proposed for English demonstratives, are used to understand the particularities of the term when it plays the role of deictic. Deixis here is understood as a phenomenon that can be linguistic, with anaphoric or cataphoric readings, in which an item refers to an entity in the linguistic context; or an extralinguistic phenomenon when the term refers to an entity in the context of utterance, such as: place, time, speaker, listener, etc. For “tal”, five readings were described, one of which was classified as resulting from linguistic deixis. Based on the formalization of Situational Semantics and Wolter’s (2006) proposal for demonstratives, we suggest that “tal” does not have a presupposition of distality, present in demonstratives such as “aquele(a)” and that its evaluation occurs in a subsituation of the utterance situation, as also occurs for traditional demonstratives. Furthermore, “tal” does not have extralinguistic deictic readings, and is therefore restricted to linguistic referents.

KEYWORDS: Semantics; tal; demonstrative; deixis.

INTRODUÇÃO

“Tal” é um item linguístico utilizado corriqueiramente nas interações orais e escritas, formais e informais do português brasileiro (PB). Apesar disso, os apontamentos sobre esse item, e seu plural “tais”, em gramáticas normativas são superficiais e os caracterizam basicamente como pronomes demonstrativos (Maia, 1995; Nicola e Infante, 1997; Rocha Lima, 2003). No entanto, sabe-se que a partir do viés da Linguística, especialmente de estudos da área da Semântica e da Pragmática, essa classificação é pouco elucidativa e não revela a riqueza de usos do item feita pelos falantes do PB.

Estudos empreendidos no Brasil nas últimas décadas têm mostrado que pronomes e descrições demonstrativas podem ter várias nuances de sentido e, assim, serem usados pelo falante do PB em diferentes situações e se referindo a uma diversidade de entidades (Vogt, 2012; Basso, 2009; Basso e Vogt, 2013; Teixeira e Menuzzi, 2015a, b; Teixeira, 2017;). Tais estudos dedicam-se, em sua maior parte, a analisar expressões demonstrativas padrão, isto é, os pronomes como “esse(a); este(a); aquele(a)” e as descrições demonstrativas resultantes de sua composição com nominais, como “esse gato”. Essa constatação justifica os objetivos deste artigo, isto é, o de elencar alguns dos usos de “tal”, e sua forma plural “tais”, itens que possuem semelhança semântica com os demonstrativos em certos contextos, e realizar uma análise baseada na Semântica de Situações (Wolter, 2006; Kratzer, 1989;) quando o item desempenha papel de demonstrativo. A partir disso, procuramos contribuir para a descrição linguística, sobretudo semântica, dos itens do PB e colaborar nos estudos semânticos dos termos demonstrativos dessa língua natural.

De modo geral, os demonstrativos, descrições e pronomes, caracterizam-se por possuírem informações relacionadas à distalidade, à dêixis e à foricidade.

Neste artigo, a distalidade é tratada como constituída de elementos que colaboram na localização de um referente no tempo, no espaço ou no texto, facilitando, assim, sua determinação. Escalas de localização espacial ou de distalidade veiculadas pelos sentidos de itens linguísticos, segundo Teixeira (2017: 65), referem-se aos vários elementos que participam do complexo sistema de localização subjacente. Em relação aos demonstrativos, as escalas relevantes de distância podem

ser muitas: espaciais propriamente ditas (“**esse** homem perto de mim”), temporais (“**naquele** tempo em que vivemos no Recife”), modais (“**aqueles** que pecam irão pagar por seus pecados”), etc.

A dêixis, por sua vez, refere-se à capacidade de um item remeter a certos elementos próprios da situação de comunicação (Andrade, 1999) e, assim, pode estar relacionada tanto ao contexto extralinguístico quanto ao contexto linguístico (também chamado de cotexto). As informações dêíticas extralinguísticas dizem respeito à capacidade indexical de certos itens de uma língua natural caracterizados por Kaplan como “palavras [...] cujo referente depende do contexto de uso e cujo significado fornece uma regra que determina o referente em termos de certos aspectos do contexto”¹ (Kaplan, 1989: 490, tradução nossa). Por exemplo, “eu”, “aqui”, “ontem”, etc. fazem parte da dêixis extralinguística do PB.

Nessa esteira, a foricidade é capacidade de itens linguísticos se referirem a outros itens no contexto linguístico, fazendo parte, assim, do conceito de dêixis e, aqui, a denominamos de dêixis linguística. Os processos fóricos fazem parte da dêixis interna (linguística) e envolvem referência a entidades ou porções de texto já mencionadas (função anafórica) ou que serão mencionadas (função catafórica) no texto (Neves, 2011: 449).

Para compreender os valores semânticos de “tal/tais”, inicialmente apresentamos a caracterização do item dada em gramáticas normativas e descritivas, já que análises linguísticas não foram encontradas nas bases consultadas². Depois, elencamos alguns dos diferentes usos e aspectos semânticos veiculados pelos itens no PB. Na sequência, focamos na caracterização de “tal/tais” quando sua semântica se aproxima da dos demonstrativos, especialmente, quando ocorre dêixis. Após, utilizamos a Semântica de Situações para formalizar as leituras demonstrativas encontradas. Finalmente, apresentamos a considerações finais.

¹ “words [...] is that the referent is dependent on the context of use and that the meaning of the word provides a rule which determines the referent in terms of certain aspects of the context’ (original).

² Foram consultados: Catálogo de Teses e Dissertações- CAPES, Google Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES, Scielo e a IA Consensus.

1. “TAL” CARATERIZAÇÃO GRAMATICAL

Em gramáticas normativas, como já mencionado na introdução, “tal” e “tais” fazem parte da classe dos pronomes demonstrativos (Maia, 1995; Nicola e Infante, 1997; Lima, 2003; Cunha e Cintra, 1998). Essas obras restringem-se a dar exemplos com os itens, como “Tal despudor me causou repulsa” (Lima, 2003: 114), sem especificar suas características linguísticas.

Em gramáticas descritivas são encontradas mais informações sobre os itens, mas, ainda assim, as reflexões são esparsas e pouco desenvolvidas. Castilho (2008: 124) caracteriza o item como um pronome demonstrativo que possui uma distribuição diferenciada daquela observada nos demonstrativos padrão como “este carro” já que permite construções como “este tal” ou “o tal” em que há um demonstrativo e um artigo antecedendo o item, aspecto que não ocorre com demonstrativos padrão como se observa pela agramaticalidade das expressões: “*o este carro” ou “*aquele este carro”.

No que se refere às propriedades semânticas, Castilho (2008: 125) afirma que os demonstrativos “servem para indicar que a identidade dos referentes do SN [sintagma nominal] nos é conhecida, seja de forma precisa, seja de forma imprecisa” (Castilho, 2008: 125). Além disso, o autor afirma que o uso dessas palavras indica que houve “uma comparação pré-verbal de referentes”. Assim, poderíamos ter entre duas entidades, A e B, uma relação: (i) de identidade e assim o termo expressa um significado com precisão (este/esse/aquele seguidos de seu locativo: “Este livro aqui”); (ii) de similaridade e assim o termo expressa um significado com imprecisão (isto/isso/aquilo: “Isso está caro”); (iii) de diferença e o termo expressa um significado por alteridade (“outro” e “tal”: Tal filme não é bom!).

Vamos refletir sobre o uso de “tal” e a concepção de “diferença/alteridade” que Castilho (2008) propõe para o item em relação a um exemplo similar ao seguinte:

(1) Quando alguém diz que **tal** filme não é bom, já desisto de assistir.

Segundo Castilho (2008: 127) “tal” identificaria “filme” por diferença, “não por semelhança, expressando que a identidade de seu escopo sobrevém após uma operação de confronto entre diferentes”. Por exemplo, se a sentença tivesse a

expressão “esse filme”, se estaria, segundo o autor, “apontando [...] verbalmente para o referente situado no centro de meu campo visual”, já ao usar uma expressão como “tal filme”, estar-se-ia comparando previamente dois filmes e “informando que o segundo está no centro do [...] campo visual”.

Como mencionado, o exemplo em (1) foi adaptado de Castilho (2008) e, ao que nos parece, nele a leitura de “tal” se aproxima da de um artigo indefinido como na expressão “um filme” e, assim, não resulta de um processo de dêixis linguística, nesse caso. Nossa afirmação se baseia na possibilidade de se substituir, na sentença, a expressão “tal filme” por “um filme” mantendo interpretação similar em ambas as sentenças. Nesse contexto, a entidade é indefinida e não é determinada no mundo e, assim, não indica um referente nem no contexto linguístico, nem no contexto extralinguístico.

Quando Castilho (2008) discute, na sequência, o papel discursivo dos demonstrativos, ele menciona novamente “tal” quando integrado a expressões complexas e afirma que o item indica que “o falante atingiu a completude de seu tópico” (Castilho, 2008: 135). Nesse contexto, o item é responsável por uma espécie de resumo do que vinha sendo discutido, segundo o autor. Vamos refletir sobre esse aspecto com o exemplo a seguir, adaptado de Castilho (2008):

(2) Não abusar da sinalização para não distrair o motorista e **tal**...

Nesse caso, “tal” faz um fechamento do pensamento e Castilho (2008) menciona que ele assume um papel de “marcador resumitivo”. Nesse contexto, concordamos com Castilho (2008) que afirma que o papel de demonstrativo se perde e “tal” assume uma função discursiva na interação.

Neves (2011), por sua vez, cita aspectos sintáticos de expressões com “tal/tais”, que são apontados a seguir, mas sobre o seu comportamento semântico, a autora não tece comentários. Segundo Neves (2011: 492), “tal/tais” fazem parte dos pronomes demonstrativos “que não fazem seleção de pessoa”, pois indicam sempre uma terceira pessoa. Segue o exemplo da autora:

(3) É claro que nem Aristófanos nem seus protetores acreditariam em **tal fábula** (2011: 492).

Em (3) percebemos que o demonstrativo retoma um elemento do contexto linguístico, isto é, uma fábula, que provavelmente já foi mencionada anteriormente. Assim, em (3), “tal” desempenha um papel fórico e exemplifica um caso de dêixis linguística.

Em relação à posição sintática desse item, Neves (2011: 492) afirma que “tal/tais” podem aparecer: (i) em um SN como determinante de um nome, como em “casa do **tal ladrão**”; (ii) precedido de artigo definido como em “ele é **o tal**”; e (iii) como predicativo (com ou sem artigo) “eles são **os tais designados**”.

No que se refere aos estudos e análises sobre “tal/tais”, os apontamentos encontrados foram os citados até aqui e originários exclusivamente de gramáticas normativas e descritivas. Em termos de análises linguísticas em outros suportes, como teses, artigos científicos e dissertações, não foram encontradas pesquisas publicadas.

Na seção seguinte, apresentamos alguns pontos essenciais da Semântica de Situações que será a abordagem formal usada para analisar os usos desse item que se assemelham aos usos dos demonstrativos tradicionais.

2. A SEMÂNTICA DE SITUAÇÕES E A DÊIXIS

Aqui, dêixis é encarada como um processo que envolve referência a entidades no mundo (no contexto extralinguístico); mas também como um processo que envolve referência a elementos linguísticos (no contexto linguístico), como porções de texto, palavras, trechos, parágrafos ou ideias. Abaixo há sentenças que exemplificam os dois processos de dêixis com demonstrativos tradicionais:

(4) Ivi pegou **essa caneca** [apontando] e não quis devolver mais!

(5) O cachorro comeu um chinelo e **isso** fez ele vomitar!

Em (4), a descrição demonstrativa “essa caneca” está fazendo referência a uma entidade próxima ao falante da sentença que é determinada com a colaboração de um apontamento realizado na direção dessa entidade no mundo. Nesse contexto, “essa caneca” faz referência a uma entidade particular determinada, por exemplo, a caneca do Harry Potter apontada. Assim sendo, estamos diante do fenômeno de dêixis extralinguística.

Em (5), o pronome “isso” se refere a uma entidade linguística já mencionada, especificamente, ao evento “o cachorro comer um chinelo” e, assim, exemplifica o fenômeno da dêixis linguística e uma leitura anafórica. Segundo Levinson (2004),

[...] anáfora³ [...] está tão intimamente ligada à dêixis que nem sempre é separável, como em *Eu moro em São Francisco há cinco anos e eu amo isso aqui* (onde *aqui* é anafórico e dêitico), interligada pela área intermediária da dêixis textual (como em *Harry disse “Eu não fiz aquilo”, mas ele disse isso de uma forma engraçada*, onde *isso* não se refere à proposição expressa, mas ao próprio proferimento de Harry)⁴ (Levinson, 2004: 103, tradução nossa).

Assim, apesar de parecerem dois fenômenos bem delimitados, anáfora (ou dêixis linguística) e dêixis (dêixis extralinguística), eles não o são. Corroborando a dificuldade de delimitação de fronteiras, Heim e Kratzer (1998) ressaltam que uma separação entre dêixis linguística e extralinguística pode não ser adequada para uma teoria linguística, pois certo subconjunto de usos anafóricos não difere, de um modo teoricamente relevante, dos usos dêiticos, pois “[...] anáfora pode frequentemente ser vista como referência a um indivíduo contextualmente saliente também. Parece diferir de dêixis [extralinguística] apenas na medida em que a causa da saliência do referente é considerada”⁵ (Heim; Kratzer, 1998: 240, tradução nossa).

No que concerne a dêixis linguística, especificamente, ela é discutida por Roberts (2002) e concebida como segue por Wolter (2006): “[...] o referente é um constituinte sintático ou semântico recentemente introduzido do próprio texto. O uso discursivo-dêitico é ilustrado em [...] *Esta frase é curta*”⁶ (Wolter, 2006: 107, tradução nossa).

Segundo Teixeira e Basso (2022) “A ideia é que nos usos dêitico-discursivos há uma transferência da noção de proximidade do discurso para o texto. Assim, a proximidade pode ser relacionada à ordenação temporal do texto. Desse modo, explica-se o porquê de a expressão “This NP” (Esse(a) NP) referir-se a um

³ Levinson (2004) utiliza outra classificação, chamando de “dêixis” o que aqui denominamos “dêixis extralinguística”, e “anáfora” o que aqui tratamos por “dêixis linguística”.

⁴ [...] anaphora [...] is so closely linked to deixis that it is not always separable, as in *I've been living in San Francisco for five years and I love it here* (where *here* is both anaphoric and deictic), bridged by the intermediate area of textual deixis (as in *Harry said “I didn't do that” but he said it in a funny way*, where *it* does not refer to the proposition expressed but to Harry's utterance itself). (original)

⁵ “[...] anaphora may often be viewed as reference to a contextually salient individual as well. It seems to differ from deixis only insofar as the cause of the referent's salience is concerned” (original).

⁶ “[...] the referent is a recently introduced syntactic or semantic constituent of the text itself. The discourse-deictic use is illustrated in [...] *This sentence is short*” (original).

constituente do texto recentemente proferido, por exemplo” (Teixeira; Basso, 2022: 16).

Essas concepções reverberam em Levinson (2008: 54), que afirma que:

[...] dêixis diz respeito às maneiras pelas quais as línguas codificam ou gramaticalizam características do contexto de enunciado ou evento de fala, e, portanto, também diz respeito às maneiras pelas quais a interpretação de enunciados depende da análise desse contexto de enunciado. Assim, o pronome *this* não nomeia ou se refere a nenhuma entidade em particular em todas as ocasiões de uso; em vez disso, é uma variável ou espaço reservado para alguma entidade em particular dada pelo contexto (por exemplo, por gesto)⁷ (tradução nossa).

Notamos que Levinson (2008) traz à tona outras características de itens que são chamados de dêiticos, que complementam o conceito já dado na introdução e que pertence a Kaplan (1989), especialmente a concepção de que os dêiticos são variáveis que tem seu referente determinado a partir de um contexto de uso e, assim, seu referente é diferente a cada situação.

Por exemplo, se Maria usa o dêitico “eu” em uma sentença, naquele momento e lugar (contexto), “eu” tem como referente a Maria. No momento seguinte o referente de “eu” pode mudar, por exemplo, se João utilizar o item “eu” em seu proferimento. Assim, João será o referente de “eu” naquele contexto. Nesse sentido, o referente dos dêiticos varia conforme o contexto, diferentemente, dos referentes de nomes próprios como “Rafael Nadal” ou “Guga Kuerten” que farão referência às mesmas entidades, jogadores famosos de tênis, em qualquer contexto.

No que se refere à Semântica de Situações que será usada como base para a análise semântica de “tal/tais” em termos de dêixis, a abordagem foi primeiramente idealizada por Kratzer (1989) que utilizou a noção de situações possíveis para dar conta da semântica de certas relações entre sentenças (“relação de *lumping*”). A abordagem como utilizaremos é encontrada em Wolter (2006) que, segundo Teixeira (2017: 25),

- (i) usa situações para dar conta da semântica das DEMs [descrições demonstrativas];
- (ii) propõe a existência de dois tipos de situações em que as expressões são avaliadas situações default e não-default;
- (iii) afirma que DEMs são estruturas semelhantes às DEFs [descrições definidas] do ponto de vista semântico; e

⁷ [...] deixis concerns the ways in which languages encode or grammaticalize features of context of utterance or speech event, and thus also concerns ways in which the interpretation of utterances depends on the analysis of that context of utterance. Thus the pronoun *this* does not name or refer to any particular entity on all occasions of use; rather it is a variable or place-holder for some particular entity given by the context (e.g. by gesture) (original).

(iv) oferece um tratamento semântico unificado dos seus diferentes usos.

Em termos gerais, Wolter (2006) afirma que um enunciado é avaliado em relação à situação em que ele foi proferido. Assim, a autora assume que todos os predicados (SVs e SNs) têm um espaço argumental para uma situação, e assim, todos os predicados devem ser avaliados com respeito a uma situação particular. No entanto, há sentenças em que os predicados podem ser avaliados em situações diferentes como na seguir:

(6) Ivi acredita que Papai Noel existe.

O SV “acredita” é avaliado em relação à situação em que a sentença (6) é produzida. Contudo, a oração “Papai Noel existe” e o predicado que ela contém “Papai Noel” não devem ser avaliados na mesma situação que a sentença (6). Esses elementos devem ser avaliados em situações compatíveis com as crenças de Ivi (no tempo do proferimento de (6)). Nesse contexto, um ponto importante da teoria de Wolter é que “todos os predicados são avaliados em relação a situações, e os predicados da mesma sentença podem ser avaliados em situações diferentes” (Teixeira, 2017: 30).

Para analisar os demonstrativos, Wolter (2006) propõe que há uma situação de proferimento (situação *default*) formada por um conjunto de subsituações (situações *não-default*). Nesse contexto temos: (i) a situação *default* (s_0) é a situação do enunciado, isto é, a situação em que o predicado principal da sentença é avaliado; (ii) situações *não-default* (s_i , para $i \in \mathbb{N}^*$): s_i é uma subparte própria de s_0 . Para exemplificar, vamos verificar como é a formalização de uma sentença com um demonstrativo tradicional com uso dêitico extralinguístico:

(7) **Esse** biscoito está vencido (apontando para um pacote de biscoito, entre outros, em uma prateleira de mercado).

(7a) estar-vencido ($[\text{ix. biscoito}(x, s_1)], s_0$)

Informalmente, “biscoito” é avaliado em s_1 , pois essa é a situação *não-default* e o predicado “estar-vencido” é avaliado na situação *default* (s_0), i.e., a descrição demonstrativa é avaliada numa situação diferente da situação em que o predicado da

sentença é avaliado. Desse modo, (7) é verdadeira se e somente se houver um único pacote de biscoito na subsituação (s_1) da situação do proferimento (maximal) que está vencido em s_0 . Comumentemente, (7) será proferida acompanhada de um apontamento por parte do falante, que é justamente o que estabelecerá a subsituação na qual “biscoito” será avaliado. Sendo assim, na teoria de Wolter (2006), o papel dos apontamentos é estabelecer as subsituações relevantes para determinar o referente dos usos dêiticos extralinguísticos dos demonstrativos.

No que se refere à dêixis linguística, especificamente nos usos anafóricos, os demonstrativos se referem a algum elemento do contexto linguístico, como na sentença (7b) que é formalizada de acordo com a Semântica de Situações em (7c):

(7b) Ivi comeu uma maçã⁸. **Essa maçã**_i estava azeda.

(7c) estar-azeda ([ιx . maçã (x, s_1)], s_0)

Assim, em prosa, temos que (7b) é verdadeira se e somente se houver somente um referente que satisfaz o predicado “maçã” na subsituação saliente (s_1) e se ela estiver azeda na situação de proferimento (s_0).

Nesse contexto, em (7b), “essa maçã” refere-se à maçã mencionada na sentença anterior – “Ivi comeu uma maçã”. Conforme Wolter (2006), a situação em que o nominal da descrição demonstrativa está sendo avaliado é uma substituição (situação saliente devido à evocação recente) da situação de proferimento (s_0) da sentença contendo o demonstrativo.

Para Wolter (2006), demonstrativos pressupõem familiaridade e unicidade em situações não-*default*. Sendo assim, a representação das entradas lexicais que a autora dá para os itens da língua inglesa é como abaixo:

[this_n]: λP : $P(s_n)$ é um conjunto unitário e s_n é uma situação não-*default* e $\iota x:P(x)(s_n)$ está próximo ao falante. Se definido, ele denota $\iota x:P(x)(s_n)$. (Wolter, 2006: 109).

[that_n]: λP : $P(s_n)$ é um conjunto unitário e s_n é uma situação não-*default*. Se definido, ele denota $\iota x:P(x)(s_n)$. (Wolter, 2006: 102)

⁸ O índice ‘i’ indica que os itens são correferenciais, isto é, trata-se da mesma maçã.

Nas entradas lexicais propostas por Wolter (2006), observamos que há uma hierarquia de marcação dos determinantes definidos do inglês em que: *this* é o mais marcado, pois carrega três pressuposições ou traços semânticos; *that* carrega duas. Essas entradas lexicais se ajustam às características do inglês em que o demonstrativo marcado é o *this* que apresenta adicionalmente, à pressuposição de unicidade e à pressuposição de avaliação na situação não-*default*, uma pressuposição de proximidade do falante, pois em inglês “that” não é marcado para distância do falante (Wolter, 2006: 102).

No PB, Teixeira e Basso (2022: 23) propõem que “aquele” é o item marcado, pois deve satisfazer às pressuposições de unicidade, de avaliação na situação não-*default* e de distalidade”. A partir disso, na entrada lexical de “aquele(a)” se adicionaria uma pressuposição de distalidade, enquanto para “esse(a)”, não:

[aquele(a)_n]: $\lambda P: P(s_n)$ é um conjunto unitário, s_n é uma situação não-*default*, e $\iota x:P(x)(s_n)$ está distante do falante. Se definido, ele denota $\iota x:P(x)(s_n)$. (Teixeira; Basso, 2022: 23)

[esse(a)_n]: $\lambda P: P(s_n)$ é um conjunto unitário e s_n é uma situação não-*default*. Se definido, ele denota $\iota x:P(x)(s_n)$.

Não propomos entradas lexicais para “este(a)”, pois como Basso e Teixeira (2022) apontam, no PB o sistema ternário de demonstrativos (este/esse/aquele) vem sendo simplificado e, assim, substituído por um sistema binário (“este-esse/aquele”) conforme Roncarati (2003), Pavani (1987) e Câmara Jr. (1970).

Sendo assim, corroboramos a afirmação de que o PB se caracteriza por um sistema demonstrativo binário composto por “esse” e “aquele”, e seus respectivos paradigmas. Nesse contexto, “aquele” é a forma marcada desse sistema, pois possui uma pressuposição adicional em sua entrada lexical – a de distalidade, já que a sua ocorrência se dá em contextos mais restritos. Por exemplo, em usos dêiticos extralinguísticos, “aquele” é usado somente nos casos em que o objeto apontado está distante do falante/ouvinte, enquanto que “esse” pode ser usado quando o objeto apontado está ou próximo do falante, ou próximo ao ouvinte, ou próximo ao falante e ao ouvinte, simultaneamente.

Tendo revisitado os pontos importantes da Semântica de Situações e as representações para os demonstrativos canônicos do inglês e do PB (“esse” e “aquele”), na seção seguinte, vamos analisar o item “tal/tais” e refletir sobre a dêixis que o item veicula, expondo-a a partir da formalização proposta até aqui.

3. “TAL” ANÁLISE

Nesta seção, elencaremos algumas das diferentes leituras que “tal/tais” apresentam no PB, para, depois, focar nas leituras dêiticas que os assemelham aos demonstrativos canônicos. Feito isso, utilizaremos a formalização da Semântica de Situações para expor suas características semânticas.

Inicialmente, discutimos o caso trazido por Castilho (2008) (mencionado neste artigo em (1)) em que o autor classifica o item como um pronome demonstrativo:

(8) Quando alguém diz que **tal** filme não é bom, já desisto de assistir.

A leitura de “tal” na sentença (8) se afasta da leitura de um demonstrativo tradicional, diferente do que afirma Castilho (2008), pois não determina um referente particular para “filme”. No caso em tela, assim, “tal” se aproxima de um artigo indefinido como na expressão “um filme” e, por isso, não resulta de um processo de dêixis (nem linguística, nem extralinguística). Nossa concepção se pauta na possibilidade de parafrasear a leitura de (8) substituindo a expressão “tal filme” por “um filme” e, mesmo assim, manter-se interpretação similar em ambas as sentenças: “Quando alguém diz que **um filme** não é bom, já desisto de assistir”.

Em suma, “tal” em (8) não é um termo definido, que denota um referente particular determinado, pois pode ser substituído por “um”. Nesse caso, o item não denota um filme específico, mas qualquer filme que seja julgado como “não bom” por alguém.

O outro caso trazido por Castilho (2008), que o próprio autor menciona como não sendo demonstrativo é quando “tal” assume o papel de marcador resumitivo, como na sentença a seguir (mencionada primeiramente em (2)):

(9) Não abusar da sinalização para não distrair o motorista e **tal**...

Em (9), “tal” indica um fechamento do pensamento do falante, mas também traz uma leitura de vagueza/indefinição na qual o item pode se referir a um conjunto de aspectos que o falante opta por não mencionar naquele proferimento. Assim, “tal” indica que: (i) haveria outras razões para não “abusar da sinalização”; (ii) o falante sabe quais são; (iii) o falante quer indicar ao ouvinte que ele sabe que há outras razões; mas (iv) o falante opta por usar o item “tal”, demonstrando que essas razões não vêm ao caso nesse contexto conversacional. É relevante notar que em casos como esse, quase sempre, “tal” não vem acompanhado de um nominal.

Observamos que os casos trazidos por Castilho (2008) não são casos dêiticos de “tal”, sendo que um deles é uma marca de indefinição do referente em (8); o outro é um marcador discursivo de vagueza em (9). Por isso, não proporemos formalizações a eles neste artigo.

No que diz respeito aos sucintos apontamentos de Neves (2011) sobre “tal”, um dos exemplos citados pela autora (mencionado primeiramente em (3)) faz parte dos objetivos deste artigo, já que nele há dêixis linguística:

(10) É claro que nem Aristófanes nem seus protetores acreditariam em **tal fábula**.

O demonstrativo “tal” em (10) retoma uma fábula que parece já ter sido mencionada anteriormente. Se não tivesse sido mencionada, a sentença seria infeliz naquele contexto. A partir dessa suposição, em (10), o item desempenha um papel anafórico em que retoma um elemento linguístico já mencionado e, assim, é um dêitico linguístico. Esse exemplo é similar ao seguinte:

(11) Maria mencionou a cerveja Black IPA. Não conheço **tal cerveja**.

Nesse caso, temos a expressão “tal cerveja” em que “tal” retoma “Black IPA” e faz as vezes de dêitico linguístico. Nesse caso, “tal” se aproxima do demonstrativo “essa” em termos semânticos e, por isso, poderia ser substituído pelo item na sentença, como em: “Não conheço **essa cerveja**”.

Tendo verificado que “tal” pode ser um dêitico linguístico com leitura anafórica, vamos analisar se, similarmente aos demonstrativos, ele é aceitável como dêitico linguístico com leitura catafórica no par a seguir:

(12) Minha palavra final é **esta**: não aceito o emprego!

(12a) * Minha palavra final é **tal**: não aceito esse emprego!⁹

Em (12a) “tal” é usado similarmente ao demonstrativo “esta” com leitura catafórica, mas a sentença com o item nessa posição se torna agramatical, isto é, não é considerada uma sequência do PB. A partir desse exemplo, observamos que “tal” não permite uma leitura catafórica, diferentemente do que ocorre com o demonstrativo “esta”.

Mais um caso de uso de “tal” encontrado em interações em PB é exemplificado em (13):

(13) Ela tem uma força **tal** que todos se impressionam.

Em (13), “tal” está posposto a “força” e, à primeira vista, o item parece retomar “força”. No entanto, nossa concepção é a de que “tal” não retoma um elemento/trecho ou ideia expressa anteriormente e sim enfatiza “força”. Nesse caso, o item atua similarmente à partícula “tanto(a)” e, por isso, é possível realizar uma paráfrase da leitura da sentença (13) como segue: “Ela tem **tanta** força que todos se impressionam”. Nesse contexto, o item “tal” não é um dêitico linguístico, nem dêitico extralinguístico, já que item não determina um referente no mundo. Esse caso é mais um no qual “tal” não se assemelha a um demonstrativo.

Ainda há outros usos de “tal” no PB, por exemplo, em que o item se apresenta como qualificador, similarmente a um adjetivo:

(14) Você se acha o **tal**!

Em (14) “tal” ocupa o lugar de uma expressão como “o máximo” ou “importante”. Nesse caso, também não há um processo de dêixis ocorrendo.

A partir dos apontamentos feitos nesta seção, podemos sintetizar algumas das leituras do item “tal/tais” encontradas no PB na seguinte tabela:

⁹ Esse exemplo foi considerado aceitável por alguns falantes do PB, já outros, julgaram-no infeliz para o contexto.

Leitura	Exemplo	Dêitico
Indefinido	Se me disserem que tal carro é ruim, nem penso duas vezes. Se me disserem que tais marcas exploram trabalhadores, não compro mais.	Não
Marcador de vagueza	João comprou agulha, linha e tal , mas não usou nada na aula de artesanato. Maria tinha quarenta e tal , na época em que morreu. ?Maria tinha quarenta e tais , na época em que morreu ¹⁰ .	Não
Qualificador	Esse jogador se acha o tal . Esses jogadores se acham os tais .	Não
Enfatizador	João tem uma capacidade tal que impressiona os professores. As meninas adquirem talentos tais que os meninos não entendem.	Não
Anafórico	O corte na educação pegou todos de surpresa. Tal assunto deve ser mais discutido. Ela tem muitos amigos, e tais amigos são sempre bem-vindos.	Sim

Tabela 1: Leituras de “tal” no PB.

Em suma, elencamos cinco usos de “tal/tais” no PB, entre eles, somente no uso como marcador de vagueza há certa infelicidade no uso da forma pluralizada do item. Nos demais casos, a forma pluralizada pode ser usada sem estranheza. No que se refere a organização sintática, nos usos como enfatizador, qualificador e marcador de vagueza “tal/tais” não antecedem um nome; nos usos anafóricos e indefinidos, sim. Finalmente, entre os cinco casos, temos somente um que é dêitico linguístico, especificamente com leitura anafórica, retomando uma palavra, expressão ou item linguístico. Surpreendentemente, não foram encontrados casos de dêixis extralinguísticas envolvendo “tal/tais”, possivelmente porque ocorrências desse tipo de dêixis se dão em contextos complexos de interação.

O passo seguinte é analisar somente os casos de dêixis linguística de “tal/tais”, explorando suas particularidades semânticas e propor uma formalização com base na Semântica de Situações.

Vimos que a dêixis linguística de “tal” com leitura anafórica majoritariamente se dá com o item acompanhado de um nome. Para comprovar isso observemos os exemplos a seguir em que comparamos uma sentença com demonstrativo canônico “esse” com sentenças com “tal”:

(15) A: Boa cerveja se bebe em qualquer ocasião.

¹⁰ “?” marca um julgamento de estranhamento do falante.

B: **Essa** Ø é a minha opinião também.

(15a) A: Boa cerveja se bebe em qualquer ocasião.

B: ? **Tal** Ø é a minha opinião também.

(15b) A: Boa cerveja se bebe em qualquer ocasião.

B: **Tal opinião** é a minha também.

Notamos que “esse”, em (15), pode não vir acompanhado de nominal e ainda assim realizar a dêixis anafórica. Em (15a) “tal” assume a posição do demonstrativo canônico mas a sentença causa julgamentos diversos: ela causa certo estranhamento a alguns falantes do PB (por isso, marcada com ?), já outros consideram-na gramatical. Se reestruturarmos a sentença de modo a colocar um nome junto ao item “tal”, como em (15b), a sentença passa a ser aceitável e, assim, uma sentença gramatical.

A fim de verificar possíveis marcas de distalidade em “tal” como um dêitico linguístico, apresentamos as seguintes sentenças em que comparamos os usos dos demonstrativos canônicos do PB, em que, como mencionado na seção 2, “aquele(a)” possui uma pressuposição de distalidade, sendo o item marcado; e “esse(a)” não possui tal pressuposição.

(16) Ivi encontrou Francisco no mercado, depois encontrou Samuel no parque. **Aquele** (menino) estava gripado, **esse** (menino) estava de mau humor.

(16a) Ivi encontrou Francisco no mercado, depois encontrou Samuel no parque. ***Tal** (menino) estava gripado, **tal** (menino) estava de mau humor.

(16b) Ivi encontrou Francisco no mercado, depois encontrou Samuel no parque. ***Aquele** (menino) estava gripado, **tal** (menino) estava de mau humor.

(16c) Ivi encontrou Francisco no mercado, depois encontrou Samuel no parque. ***Tal** (menino) estava gripado, **esse** (menino) estava de mau humor.

Em (16), temos sentenças com demonstrativos tradicionais em que os referentes dos itens são determinados com base na pressuposição de distalidade presente em “aquele” e ausente de “esse”. Para verificar se “tal” tem pressuposição similar, ele está sendo forçosamente colocado em um contexto de localização de dois

referentes diferentes, a fim de se verificar se ocorre a determinação do referente linguístico.

Como vimos, todas as sentenças em que “tal” foi usado nessas condições, resultaram em construções agramaticais. Tanto quando foi usado nas duas posições, em (16a); quanto quando foi mesclado com demonstrativos tradicionais como em (16b) e (16c). A partir disso, entendemos que o “tal/tais” não veicula informações de distalidade e, assim, não terá uma pressuposição dessa natureza em sua entrada lexical. Assim sendo, propomos a seguinte entrada lexical para o item:

[tal_n]: λP: P(s_n) é um conjunto unitário e s_n é uma situação não-*default*. Se definido, ele denota λx:P(x)(s_n).

Tendo verificado as características semânticas de “tal” como dêitico linguístico, se referindo a algum elemento do contexto linguístico, abaixo formalizamos uma sentença com essa leitura a partir da Semântica de Situações:

(17) Ivi viu **um gato branco**_i. **Tal gato**_i estava abandonado.

(17a) estar-abandonado ([λx. gato (x, s₁)] s₀)

Em prosa temos que (17) é verdadeira se e somente se houver somente um referente que satisfaz o predicado “gato” na subsituação saliente (s₁) e se ele estiver abandonado na situação de proferimento (s₀).

Assim, em (17), “tal gato” se refere ao gato mencionado na sentença anterior – “Ivi viu um gato branco”. Conforme Wolter (2006), a situação em que o nominal da descrição demonstrativa, nesse caso, “gato”, está sendo avaliado é uma substituição (situação saliente devido à evocação recente) da situação de proferimento (s₀) da sentença contendo “tal” demonstrativo.

A partir do que foi posto, alguns pontos importantes a se retomar são: (i) “tal/tais” como dêitico linguístico não apresenta informações de distalidade, que poderiam colaborar na determinação do referente do item, nesse sentido, a sua semântica não envolve esse tipo de informação e sua entrada lexical não apresenta essa pressuposição; (ii) “tal/tais” comporta-se como um demonstrativo e, assim, o referente dos itens são avaliados numa subsituação (s₁) que se torna saliente devido à sua evocação recente e não na situação *default* (s₀), a situação do proferimento; e (iii)

“tal” não é um dêitico extralinguístico, fazendo, exclusivamente, referência a entidades linguísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o objetivo de apontar e de refletir sobre as características semânticas do item “tal”, e sua forma pluralizada “tais”, a fim de analisar os usos que os aproximam dos demonstrativos. De modo geral, os demonstrativos canônicos, “esse(a)” e “aquele(a)” se caracterizam por possuírem informações relacionadas à distalidade, à dêixis e à foricidade. Partindo desses três aspectos buscamos compreender a semântica dos itens “tal/tais”.

Verificamos que as gramáticas normativas se restringem a inserir “tal/tais” na classe dos demonstrativos e as gramáticas descritivas replicam essa classificação com raras reflexões sobre sua distribuição e suas características discursivas. Em termos de literatura científica, surpreendeu o fato de não haver estudos e análises desse item. A partir desse suporte escasso, procuramos realizar uma análise que servisse ao propósito de colaborar de modo embrionário na compreensão das características linguísticas, sobretudo semânticas, de “tal”.

Neste artigo bifurcamos o conceito de dêixis em **dêixis linguística**, que compreende a anáfora e a catáfora e equivale ao processo de fazer referência a outros itens no contexto linguístico, e **dêixis extralinguística**, em que os itens fazem referência a elementos do contexto de proferimento, tais como local, tempo, falante, ouvinte, etc.

Para compreender os valores semânticos de “tal/tais”, elencamos alguns dos diferentes usos e aspectos semânticos veiculados pelos itens no PB. Foram encontrados cinco usos de “tal/tais”: enfatizador, indefinido, qualificador, marcador de vagueza e dêitico linguístico (usos anafóricos). Surpreendentemente, durante a pesquisa, não encontramos casos de dêixis extralinguísticas envolvendo “tal/tais”, uma possível razão é que esse tipo de dêixis envolve contextos complexos de interação (dados orais da língua em colaboração com elementos imagéticos), o que requer bancos de dados específicos e horas de dedicação para encontrar possíveis ocorrências.

Entre os usos apontados neste artigo, somente na leitura de marcador de vagueza houve julgamentos de infelicidade da forma pluralizada do item “tais”; nos

demais casos, a forma pluralizada gerou sentenças bem formadas. No que se refere à organização sintática, nos usos como enfatizador, qualificador e marcador de vagueza “tal/tais” não antecedem um nome; nos usos anafóricos e indefinidos, sim.

Determinados os possíveis usos de “tal/tais”, nos dedicamos à compreensão das particularidades do uso dêitico linguístico e à sua formalização dentro das bases da Semântica de Situações.

Verificamos que a dêixis linguística de “tal” com leitura anafórica pode se dar com o item acompanhado de um nome ou não (Boa cerveja se bebe em qualquer ocasião. ?**Tal** Ø é a minha opinião também/ **Tal opinião** é a minha também). Sem o nominal acompanhando “tal”, geraram-se sequências que tiveram julgamentos diversos: para alguns, elas causaram estranheza; já para outros, as sentenças eram gramaticais.

No que concerne à distalidade de “tal” como um dêitico linguístico, verificamos que o item não veicula informações de distalidade e, assim, não apresenta uma pressuposição dessa natureza em sua entrada lexical. Em relação à formalização, como “tal” comporta-se como um demonstrativo com uso dêitico linguístico, o referente do item é avaliado numa subsituação (s_1) que se torna saliente devido à sua evocação recente e não na situação *default* (s_0), a situação do proferimento.

Este estudo está longe de ser exaustivo e, além de ser necessário aprofundar as análises semânticas do item “tal” em seu uso como demonstrativo, também ficam destinadas para trabalhos futuros as análises das diferentes leituras geradas pelo item nos casos elencados aqui e em outros que possam vir a ser encontrados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. Demonstrativos e [ana]fóricos em latim. **Agora - Estudos Classicos em Debate**. v. 1, n.8, p.155-171, 1999.

BASSO, R. M. **A Semântica das Relações Anafóricas entre Eventos**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

BASSO, R. M.; VOGT, D. R. Weak demonstratives: are there any? **Revista da Abralin**, 2013.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970

CASTILHO, A. T. de; ILARI, R. Advérbios predicadores. In: NEVES, M. H. de M; ILARI, R. **Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção**, vol. II. Campinas: Unicamp, 2008, p. 413-456.

HEIM, I.; KRATZER, A. **Semantics in Generative Grammar**. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

- KAPLAN, D. Demonstratives: An Essay on the Semantics, Logic, Metaphysics, and Epistemology of Demonstratives and Other Indexicals. In: **Themes from Kaplan**. ALMOG, J.; PERRY, J.; WETTSTEIN, H. (ed.). New York: Oxford University Press, p. 481-563, 1989.
- KRATZER, A. An investigation of the lumps of thought. **Linguistics and Philosophy**. v. 12, p. 607-653, 1989.
- LEVINSON, S. Dêixis. In.: HORN, L. R.; WARD, G.(ed.) **The Handbook of Pragmatics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd. 2004, p.97-121.
- MAIA, J. D. **Gramática: teoria e exercícios**. São Paulo: Ática. 1995.
- NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2011.
- NICOLA, J.; INFANTE, U. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione. 1997.
- PAVANI, S. **Os demonstrativos este, esse e aquele no português culto de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 1987.
- ROBERTS, C. Demonstratives as definites. In: DEEMTER, K. van; KIBBLE, R. (Ed.). **Information Sharing**. Stanford, CA: CSLI Press, 2002.
- RONCARATI, C. Os mostrativos na variedade carioca falada. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Liv., 2003.
- ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- TEIXEIRA, L. R.; MENUZZI, S. de M. Demonstrations with deictic demonstratives – in defense of Wolter’s notion of non-default situation. **ReVEL**, edição especial n. 9, 2015.
- TEIXEIRA, L. R.; BASSO, R. M. Demonstrativos de kinds: sobre alguns usos de “aquele/aquela” no português brasileiro. **Revista da ABRALIN**. v. 20, n. 2, p. 1-30, 2022.
- TEIXEIRA, L. R. **Os demonstrativos: uma análise semântico-pragmática baseada em situações**. Tese (Doutorado em Letras). UFRGS: Porto Alegre, 2017.
- VOGT, D. R. **Por um tratamento semântico das descrições demonstrativas**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Florianópolis: Universidade de Santa Catarina, 2013.
- WOLTER, L. **That’s That: The Semantics and Pragmatics of Demonstrative Noun Phrases**. Doctoral dissertation, University of California, Santa Cruz. 2006.